

BIBLIOTECA
DO SENADO
FEDERAL

P. L. DE LEVY SANTOS

A ESCRAVIDÃO
NO BRASIL

V
326.981
S237
ENB
1871

A ESCRAVIDÃO

NO

BRASIL

POR

P. L. de Lezzy Santos

NOVA EDIÇÃO



PERNAMBUCO

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO—1871

V
326.981

5237

ENB

1871

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume achia-se registrado

sob número 3349

do ano de 1974

*Ao Illm. Sr. Coronel Leonardo Fer-
reira Marques.*



Como pequena, mas cordial prova de sin-
cera amizade e consideração dedica este humil-
de trabalho.

❶ **Auctor**

Recife 10 de Junho de 1871.

João de Deus, Frei do Mosteiro de S. Bento de Coimbra
1773

Com a presença dos senhores
deus e deus deus deus deus
deus deus

deus

João de Deus, Frei do Mosteiro de S. Bento de Coimbra
1773



AO LEITOR

E', com effeito, possuido do maior acanhamento que escrevo para o publico, com quanto já me houvesse recebido com liberalidade e benevolencia, nos meus primeiros trabalhos que publiquei.

Reconheço a fraqueza de minha intelligencia, e a nudez de meus conhecimentos; confesso franca e conscienciosamente que ainda muito me falta para escrever com acerto e elegancia, conforme as regras d'arte.

Além de ainda contar uma idade verde, e ser desprovido de intelligencia preciosa, que ao menos me illuminasse no desenvolvimento de minhas idéas, tenho atravessado uma situação, senão penosa e amarga, ao menos systematica e desagradavel, que por vezes fazia-me antever certas incoherencias e catastrophes, que, sendo realisadas, deixariam máos indícios e tragicas deducções para o homem que se preza.

Felizmente a minha dignidade e prudencia, que me cingem, e que me tem assaz recommendado, salvarão-me por muitas vezes dos ólos infernaes do rancôr inhumano, da arbitrariedade dissoluta, do despotismo

immoderado, que desgraçadamente acomettem corações mesquinhos de homens, que, só mesmo por amargas e infallíveis condições da humanidade, vivem no meio da sociedade!

Tem sido não poucos os meus empeços, mas também tem sido não poucos os triumphos que tenho colhido, durante um languido lampejar de meus quatro lustros.

Não fallo com orgulho apparente: por quanto não é de extranhar á todo homem defender a sua dignidade, quando vê principalmente que tentam declinal-a com a maior impudencia e injustiça.

Desde que a idade foi-me caminhando para o estado da razão, e que desde então fui-me desenvolvendo, mais ou menos, neste incessante movimento do seculo, comprehendi logo que para ser-se bom cidadão, cumprir-se um dever sagrado que o mesmo Evangelho nos dicta, é preciso amar a Patria, concorrer conforme suas forças para o seu aperfeiçoamento e dignidade, bradar contra os defeitos da sociedade, e repellir o estrangeiro ousado, que por ventura instigue vilipendiar e ultrajar os nossos direitos.

E' um dever que a mesma sociedade exige com exacto comprimento, e que não está somente ao alcance dos *grandes* e *poderosos*.

Não é de direito divino que só meia duzia de homens deva representar a humanidade, como tem acontecido neste nosso imperio, onde os *grandes*, os potentados politicos, são mais privilegiados em tudo, seus actos merecem acceitação plena, sem que tudo isto lhes seja conferido pelo povo, que elles representam, e do qual se intitulam chefes.

Uma idéa nobre, humanitaria, e luminosa que não tem nada de invenção moderna, e sim que parte dos principios immutaveis do christianismo, da civilização, e do progresso, muitas vezes deixará de ser realisada, e assignalada no registro das leis sociaes, por causa da pertinacia intoleravel de poucos homens privilegiados.

E' assim que tem acontecido sobre a grande idéa da redempção dos captivos no Imperio do Brazil, que tornou-se afinal excepção dolorosa, conservando ainda perante o universo um tão funesto, quão repugnante objecto—o *elemento servil*.

A resolução do problema, o prompto reparo d'esse enorme desconcerto social, ainda é uma idéa de duvida, para bem dizer, ha perto de quarenta annos, não para o espirito do povo, mas sim para os que dirigem e assignalam os nossos destinos.

Creio que não me estou affastando dos limites da verdade.

O que digo, tem dito tambem, e muito melhor do que eu, todos aquelles que, tanto na imprensa como na tribuna, tem sabido advogar os interesses e melhoramento da sociedade.

Parece-me que não ha hoje um objecto que offereça tanta gravidade, como o elemento servil, cuja solução todos os brasileiros esperam á cada diá.

E não sómente nós, como os proprios estrangeiros, que aguardam com anciedade a nova transformação da vida social; e tanto assim que por muitas vezes tem-nos dado exuberantes provas de sua justa impaciencia.

Depois da lei de 4 de Setembro de 1850, nem mais um passo o governo deu para a manumissão dos escravos!

Não será por falta de recursos e de medidas prudentes, que garantam a propriedade actual.

No mesmo parlamento brasileiro tem-se apresentado varias e justas medidas para a resolução do problema.

Alforriar os adultos, de certo, não parece uma medida acertada, sem que o governo conte com grande numero de braços livres, procedendo dest'arte a emigração.

Tratemos primeiramente dos que forem nascendo. Neste caso precisa emancipar o ventre escravo.

E é esta a questão principal que occupa o espirito publico.

Não me venho dar por um innovador, como já disse, e nem tão pouco procuro celebrisar-me abraçando, como todos, a idéa de que actualmente me occupo.

Venho render um tributo á sociedade, cumprir um dever de sincero patriotismo.

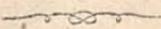
Se sinto por um lado desenvolver-se em meu espirito um justo e profundo acanhamento, por não saber escrever para o publico, e reconhecer-me fraco de intelligencia e ignorante; sinto por outro lado uma animação em mim mesmo, por vir cumprir um dever, como brasileiro.

El comprehendo que cada um, conforme suas forças e recursos, deve concorrer para o aperfeiçoamento de sua Patria.

O sabio usa da elegancia, que encanta, e que mais facilmente planta no espirito humano sementes de convenção ou persuasão; e o ignorante usa de uma linguagem sempre rasteira e acompanhada de erros, como unico recurso de que dispõe, para explicar seus sentimentos. Mas, tanto um como outro, sabe pintar a verdade, e conhecer a razão.

Assim, portanto, resta-me apenas pedir desculpa ao leitor benevolo, e supplicar a sua indulgencia.

LERY SANTOS.



A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

I

Um virtuoso prelado, illudido por infames especuladores, foi involuntariamente o fundador na America da instituição barbara da escravidão domestica, condemnada pelo Divino Mestre. Porém, não só elle errou, como tambem seus successores, como toda a nossa Igreja, que não repugna derramar sobre a fronte, que se curva humilhada ao peso da palavra *escravo* na pia baptismal, a agua da redempção, e juntar em seus livros ao nome de seu novo filho os de seus senhores!

(Da *Escrav. da Amer.*)

Não se pode considerar uma civilisação perfeita, onde se mantem sem pejo o elemento servil; assim como tambem não se pode adoptar em nenhum Estado a Religião Catholica, onde a escravidão se intermedeia, e que por consequencia vem tornar-se infallivelmente um dos fundamentos da sociedade.

A civilisação de um paiz qualquer não é mais do

que uma evidente prova de feliz presagio, relativamente ao progresso e engrandecimento, isto é, á cultura e aperfeiçoamento de um povo na verdadeira ordem social.

Quando um paiz abandona os costumes barbaros e inhumanos, e toma novas redeas de governo, optimas e exactas leis, que o dirijam, principia então a ser civilisado. Logo é conveniente mudar de costumes e uzos reprovados ; uma vez que a civilisação só se estabelece verdadeiramente, quando se identificam á educação as leis, que formam os bons costumes.

A civilisação, portanto, e a Religião clamam poderosamente contra a escravidão.

Eis o objecto de nosso estudo.

II

Se o Evangelho não fosse obra de Deus, seria um milagre maior do que todos os de Jezus Christo, que um semelhante livro tivesse sido composto por algum homem.

(*J. J. Rousseau.*)

Ha uma diversidade de religiões em todo o globo, que, desde o começo da sociedade, tem dominado a opinião dos homens.

Nós, porém, consideramos e cremos fortemente, que a unica verdadeira é a Religião Catholica e Apostolica Romana, segundo seus dogmas incontestaveis.

Ella é certamente o pharol da humanidade, porque esclarece vivamente o entendimento humano e contracto, na crença fiel da existencia de um Ente Superior e Omnipotente, á quem devemos toda a vida ;

Ella é a fonte mais limpida e chrystalina, d'onde se emana a mais dôce e melliflua consolação e lenitivo, quando em momentos alipedes e de uma cogitação umbrosa meditamos sobre este quadro augusto do universo, que nos admira e confunde. E desta sorte temos a Religião, como o objecto mais sagrado, e de mais profundo respeito, que conservamos entre nós ;

Ella é (diz um sabio) como uma visão da Escada de Jacob, pela qual os Anjos do Senhor descem para trazer na terra aos homens as ordens de Deus, e sobem, levando para o Ceu as preces e os votos da terra ;

Ella é finalmente a santa sociedade de Deus para com o homem, assim como este se une na terra com os seus semelhantes : é um symbolo de felicidades perfectas para os povos que ardentemente a abraçam com a mais repleta satisfação e prazer.

Mas infelizmente o nosso Paiz vae arrostando uma situação sensivelmente pendorosa aos olhos d'aquelle que não se deixa tão facilmente engolphar nos amargos festins de tristes illusões.

No desenvolvimento successivo das epochas, a Religião vae declinando consideravelmente, ou melhor, tentam declinal-a de um modo inconsequente : seus principios immutaveis vão-se contestando.

O egoismo e a fraude tentam, posto que loucamente, demolir seus altares preexcelsos ; e os temerarios sequases do *interesse*, da ambição, e da maldade vão cada vez mais ou diurnamente transgredindo seus altos e sagrados preceitos.

Uma *politica* tartarea e enorme tem sido a causa primordial d'este desconcerto social, que nos tem legado somente fataes e funestas consequencias.

Toda mal entendida, a *politica* não faz mais do que ameaçar os povos á um abysmo das maiores vexações.

Espiritos eminentes e sensatos precipitam-se voluntariamente á perigosas barreiras ; embora prevejam uma condemnação pesada cahir sobre si, e assumem uma responsabilidade tremenda e execranda, pe-

rante Deus, perante a liberdade, e perante os seculos.

Tornar-se inherente e frenetico executor aos dictames inficionados de uma sensualidade impura, ou de uma vontade variavel e corrupta, tendo os olhos fitos no latibulo da ambição, da fraude, e do egoismo, onde completamente nos perdemos, não é esclarecer o espirito e a consciencia á luz mais bella do mais brilhante pharol, que nos illumina incansavelmente, e que nos poderá conduzir á perfeitas felicidades e gosos, como o nosso principal guia universal.

Todo o homem livre e pensador, que lançar suas vistas para esta grande maravilha da America, e contemplar na diversidade de amargosos periodos, que tem atravessado os povos deste vasto Imperio da Santa Cruz, conscienciosamente dirá que a Religião ainda nãe está plantada em nosso Paiz.....

É infelizmente o seculo vae comprovando sobejamente tão fatal sentença,

III

A verdade vos tornará livres—disse o Verbo da Sabedoria Eterna.—

(A. C. Antunes Guimarães.)

O progresso caminha avante debaixo de uma forma luctuosa, e material; e a *politica* sempre *alerta* e *incansavel*, não cessará de *immortalisar* á posteridade seus demasiados furores.

A civilização nasce da Religião.

E um paiz que infringe seus preceitos, não é civilisado.

Para a Religião, a escravidão é um crime ; ao passo que para nós, os brasileiros, é uma *virtude*, uma *necessidade* !.....

E eis então a Religião declinada por um povo Catholico, e imprerivelmente havida por um objecto de formalidade !.....

Que irrisão ! Que vergonha para um paiz proclamado catholico, livre, e constitucional !

Que incoherencia triste para o seculo das luzes !

No entretanto não ha nação alguma, do mundo civilisado e do mundo catholico, que já não tivesse acabado com o elemento servil, prova fiel e incontestavel de que ostenta uma civilisação perfeita, ou de que presa com vivo ardor, e alto patriotismo, o objecto mais sagrado do universo.

IV

O Brazil só, isolado, marcado com o selo ignominioso da escravidão diante do mundo, seria o escravo e o maldicto do mundo, e se exporia ao opprobrio da coacção pela força.

(Dr. J. M. Macedo.)

O nosso Brazil, já desde ha muito, devera ter expellido de seu seio esta especie de fanatismo e opprobrio ; pois, como é evidente este elemento, a—escravidão—plantado no meio da humanidade, concorre assaz para a decadencia moral de uma nação qualquer, que se propaga religiosa e civilisada.

O Brasileiro que se preza, e que deseja com voluntariedade, satisfação e prazer, o engrandecimento e dignidade de seu Paiz ; que orgulha-se espontanea e so-

lemnemente, quando pronuncia esta sagrada palavra— Patria— jamais deverá callar-se aos brados dolorosos da humanidade, que geme sob os ferros da escravidão.

Um povo livre e catholico deve condoer-se aos brados dolorosos da humanidade, e não tornar-se apologistu execrando da seita de Democrito.

Como poderá uma nação, ser civilisada e independente, se mantem em si semelhante cancro social ?

Como se poderá fazer distincção de escravos e de cidadãos em um paiz, onde a liberdade deve fulminar como um pharol luzente, e onde existe uma constituição proclamada ?

Como este mesmo paiz poderá adoptar uma Religião Catholica, como a do Estado, se esta ergue-se poderosa, e condemna á quem presume pronunciar o nome de escravo ?

Não será tudo isto um terrivel monopolio, que damnifica á olhos nós, a propria Constituição ?

Diz Smith, que o principio pelo qual nós naturalmente aprovamos ou reprovamos as nossas proprias acções, e proceder, é o mesmo que nos dirige em juizos semelhantes á respeito das acções alheias ; isto é, segundo podemos ou não sympathisar com os nossos sentimentos e motivos, que originam as acções que avalliamos.

Assim, uma pessoa qualquer, colloque-se nas condições de um escravo, e experimentando por serios momentos os amargos travos de uma vida lacrimosa, verá como a sua consciencia se pertubará em presença de semelhante espetaculo, e como seus labios tremarão admiravelmente ao pronunciar o nome de escravo.

Nada mais triste do que ter-se um ente humano, nosso semelhante, como objecto de nosso interesse, de nossa fortuna, ou de nosso meio de vida.

Oh ! escravisar a propria humanidade é verdadeiramente um opprobrio, que persegue barbaramente esta porção infeliz e importante dos filhos da terra.

E' um presagio infallivel de infortunios ao proximo futuro de nossos minguados dias.

V

Abaixo a escravidão! E' brado universal.

(* * *)

A escravidão—é uma cicatriz hedionda, que se infiltra á face de nossa Santa Religião : ou uma iniquidade, porque sem compaixão e sem repugnancia alguma collocamos um ente humano, nosso semelhante, em tão miseravel situação.

A escravidão—além de ser um martyrio horrivel para a humanidade, é tambem um prejuizo enorme para o commercio, para a agricultura, e para todas as classes laboriosas.

A escravidão — faz desrespeitar uma nação, que ostenta civilisação, e que promete um futuro de importancia e engrandecimento.

A escravidão — enfim, é uma ingente macula, e a mais hedionda axe, que se signala na ordem de uma nação qualquer ; e isto é uma cousa que facilmente cabe no pensar de todos, salvo no d'aquelles que, mergulhados na impericia e materialidade, e illudidos pela ambição, interesse, e egoismo, esquecem-se de si proprios e de sua dignidade, buscando unicamente para o

seu repouso moral o impuro leito da maldade, da impassibilidade e da inercia.

VI

Que os nossos vindouros não vejam nos tumulos erguidos sobre nossos cadaveres, epithaphios escriptos com o sangue dos escravos, nem monumentos attemem para nossa vergonha, o suor de uma raça, que durante a vida só aprendeu á chorar ! A nossa memoria não se conserve de envolta com o crime.....

(Sacrif. da Liberd.)

Vejamos o que disse um dos luzeiros do seculo, Victor Hugo, á Hespanha, em suas bem elaboradas cartas :

« Um escravo em uma casa é uma alma feroz, que está convosco, e que está em vós. Ella vos penetra e obscurece, lugubre envenenamento !

« Oh ! não se commette impunemente este grande crime a—escravidão !—A fraternidade desconhecida torna-se fatalidade. Se sois um povo illustre e civilisado, a escravidão, acceita como instituição, vos faz abominavel. »

Nada mais certo.

O illustrado escriptor brasileiro, Dr. J. M. de Macedo tambem diz o seguinte :

« Ninguem se illuda, ninguem se deixe illudir. Não ha combinação de interesses, não ha governo por mais forte que se presuma, que possa impedir o procelloso acontecimento.

« A voz de Deus, o brado do seculo da liberdade,

a opinião do mundo, o pronunciamento dos governos, o espirito e a materia, a idéa e a força querem, exigem, e em caso extremo hão de impôr a emancipação dos escravos.

« Agora é o mundo, agora são todas as nações, é a opinião universal, é o espirito e a materia, a idéa e a força á reclamar a emancipação dos escravos.

« Imaginaes resistencia impossivel ?

« Não vos illudaes, não vos deixeis illupir, preparai-vos:—a emancipação dos escravos hade realizar-se dentro de poucos annos.

« *Está escripto.* »

VII

O sangue de um só fez toda o governo humano para que habitasse sobre a face da terra.

(*S. Paulo aos ath.*)

A verdade pura e incontestavel, annunciada pelo Apostolo aos filhos da patria dos Euripedes e Phidias, é um principio o mais justo e inevitavel, e que jamais a sociedade, que se ergue ufana perante o seculo das luzes, o poderá negar ou contestar.

Direi antes (como disse um sabio escriptor de nossos tempos) os alicerces da sociedade moderna repousam sobre a grande verdade annunciada pelo eximio Apostolo.

A differença que ha de sangue humano, ou de côres, são cousas abjectas.

Alguem considera a côr preta, como objecto essencial da legitimidade da escravidão domestica. Mas com que fundamento formamos esta idéa ?

Que ! o negro captivo, embora leproso, não será da mesma materia de que é formado um monarcha qualquer ?

Que! o negro captivo não terá raciocinio, não poderá dispor das mesmas faculdades intellectuaes, de que dispõe um homem branco?

E quem será que ainda ouse contestar este principio?

Lançaê mão de um negro, de um Africano, por exemplo, livrai-o das cadeias infernaes do captiveiro, affastae-o da barbara ignorancia em que jaz, desenvolvei-lhê o espirito, deixae se expandir pouco á pouco a sua intelligencia, e logo que elle colloque-se em uma situação differentissima, veja-se senhor de si mesmo, e não mais curvado as atrocidades mais duras e á cholera mais rija e desesperada; em taes condições, vereis como elle raciocina, como a razão lhe será essencial, e como as luzes de sua intelligencia irão surgindo, semelhante á aurora que no horizonte vae desdobrando pouco á pouco seu luminoso manto.

Qual é a configuração diversa, que existe entre o homem negro, e o homem branco?

Nenhuma absolutamente; todos são iguaes.

Deus, do proprio limo da terra, formou um só homem, um só ente racional. E todos serão iguaes perante o Tribunal Divino.

Não é pela differença de um clima, ou pela ordem de costumes barbaros e exquizitos, que se deve fazer distincção do genero humano.

Os homens são iguaes em direito.

VIII

Quantos desgraçados gemem no silencio, opprimidos debaixo do pezo de uma cadeia, cujo trabalho aspero, e duro, elles adoram, e no mesmo tempo aborrecem!

(Trad. do P.º J. A. da Silva, compendio historico.)

A natureza não condemna este ou aquelle homem á uma desigualdade natural.

Opiniões ha que contestam a origem da côr, isto é, que discutam a causa primordial d'esta differença accidental: Uns asseguram que a sua origem perda-se na obscuridade dos tempos; pois que convencidos de que não foi de Deus, não ha uma só pagina da historia sagrada ou profana, que esclareça vivamente este principio. Outros, porém, affirmam e asseguram até que a origem da côr preta provinha das grosseiras praticas de certos povos, que tinham por costume pintar o corpo. Mas esta segunda idéa não parece logica.

Seja como for, não devemos estudar o homem pelo lado physico, e sim pelo lado moral.

Comprehendemos perfeitamente que a côr é uma differença accidental.

Entre nós poderão existir muitos espiritos elevados, e de nobres sentimentos, muitas intelligencias preciosas, e outros muitos dons principaes, que sendo prendados pela natureza, muitas vezes a forma negra os condemna ás immensas trevas do amargôr impio, por não serem doados aos filhos da raça caucasica.

Mas ah! não são somente os negros que gemem horriavelmente atados ao tronco da espinhosa arvore da amargosa escravidão!

O abuso dos abusos infernaes, na successão dos tempos, foi-se desenvolvendo, debaixo dos maiores horrores e crassas barbaridades. Ahi existem mulatos tambem, entre negros e caboclos, que experimentam as dôres acerbadas do captiveiro; e, d'entre estes ainda existem alguns da cutis tão alva, como se nascessem sobre o frio clima da zona temperada!

Não é possivel que no seculo das luzes, ainda se consinta vender um homem *outro homem*, á trôco de dinheiro, cavallos e miseraveis mercadorias. E' inteiramente necessario acabar com esta praga, e bradar á uma só voz:—*abaixo a escravidão*.—

Os sacrosantos preceitos do catholicismo, que ardente e profundamente respeitamos e abraçamos, impõem poderosamente:—*abaixo a escravidão*.—

Uma civilização perfeita e bem entendida não poderá estabelecer de sorte alguma, como um dos fundamentos, semelhante monopólio; e portanto os limites de uma civilização de um paiz catholico clamam poderosamente :—*abaixo a escravidão.*—

IX

Roma ostentou a barbaridade exercida sobre esses desprotegidos (os escravos) da sorte : lá um *senhor* despunha do escravo, de sua vida até, como da de um irracional qualquer, e os sacrificava aos vis instintos de suas fraquezas.

(* * * *)

A situação amargosa de uma raça, que só aprendeu á libar taças de fel e amargura, recorda-nos uma Roma de outr'ora, onde a barbaridade funcionava poderosamente sobre esses desprotegidos da sorte, os *escravos*. Um *senhor* despunha até da vida d'elles, como se pode dispor de qualquer objecto de pouca valia. Foi tambem ali onde um Nero, um Caligula, e outros muitos triumpharam em suas sanguinolentas façanhas, como *poderosos* orgãos da liberdade, do vandalismo, e do sangue.

Comtudo não se pode dizer que o seu governo era cheio de apparencias mesquinhas, uma vez que o despotismo era reconhecido como lei.

Dizia Malthus :—é preciso e conveniente, que investigamos as causas que até agora impediram o pro-

gresso do genero humano para a felicidade, etc.; e examinarmos a probabilidade da remoção total e parcial d'estas causas no futuro.

Actualmente não se pode acreditar com facilidade certos factos, que narram os jornaes do Paiz, por, de ordinario, partirem de principios de uma politica apparente; porém, muitas vezes, é forçoso acreditar, quando a razão se descortina luzentemente aos olhos de todos.

X

O governo, seja qualquer o nome que se lhe dê, é bom, se faz ditoso o maior numero; é optimo se conserva aos cidadãos liberdade, para serem felizes.

(*J. I. Andrade. Cart. da Ind. Chin.*)

A indolencia, a inercia e a impassibilidade é uma arvore assaz maliciosa, que a mão do fanatismo, ou do despotismo fez plantar em um grande territorio, onde a cruz da Redempção *serve de bussola* á um povo que se diz—civilisado e religioso.

O interesse, a ambição, e a fraude, minão solapadamente o coração d'aquelles, que, vilipendiando os altares, gritam em ornadas tribunas:—Patria! Patria!..

A ignorancia, interprete de toda violencia, é o que o povo tem desfructado mais, motivo então de tanta desordem e perigo.

O Brazil, incomparavelmente rico, como é, por certo, desde o seu descobrimento mostrava um futuro brilhante, e que viria á ser a primeira nação, senão do mundo, ao menos da America. Mas é um dos paizes,

que mais tem soffrido, com relação ao tempo de sua idade.

Sobre isto nada ha á contestar. As continuas guerras por um lado o perseguem, as façanhas *politicas* por outro o anniquilam.

E assim, vae este mundo novo rompendo a marcha progressiva des seculos, parecendo antes ir arrotando uma contingencia de infortunios e adversidades, do que um futuro luminoso e prospero.

A população, como já dissemos, indouta e boçal, jaz no tenario somno da impassibilidade e da inercia, sem que, ao menos por serios momentos, imagine sobre as diversas situações, por que tem passado este vasto e nascente Imperio.

Se não pudemos conscienciosamente dizer, que um dia chegaremos á um estado de mendiguez e abtruzos accidentes, mas podemos dizer, sem receio de errar, que jámais chegaremos á um estado de perfeitas felicidades, seguindo assim.

Aqui não ha absolutamente pretexto algum de adhesão politica.

XI

Nos tribunaes onde a inveja preside, as virtudes são peccados, os merecimentos são culpas, as obras ou boas qualidades são crimes.

(P.^o Vieira.)

A politica interna com a mascara de um phantasma, não faz mais do que illudir, vexar, e trahir o povo, ao tempo que parece ameaçal-o á um estado mais serio e grave.

Os *grandes* esquecendo-se de cuidar n'aquillo, que é de mais principal, e que vem aperfeiçoar a sociedade, antes, pelo contrario, encaráo a humanidade como objecto de pouca valia e de pouco respeito, e com o disfarce da impudicia, e concupiscencia julgão carear e alliciar o povo aos seus desejos para enche-l-os de grandeza, e de nomeada.

E' desta sorte o procedimento dos homens, que se intitulam de *chefes* do povo, *felicidades* do Paiz.

Alguem pensará que a manumissão dos escravos virá plantar no monarchico paiz da America, uma dura questão de vida, ou de morte; por quanto uma voz respeitavel, não ha muito, já fez ver á todo o senado brasileiro que, *se se votassé tal medida seria quando cada fazendeiro lançaria mão de armas para defender a sua propriedade (!!!)*

E' dispensavel analysar semelhante *asserção*....

Bem se sabe, que não se poderia acabar com a raça de escravos, tão rapidamente e com violencia, já attendendo ao estado natural das cousas, já ás circumstancias actuaes e financeiras do Paiz.

Não queremos uma abolição immediata, quando vemos o governo subcarregado dos mais altos compromissos.

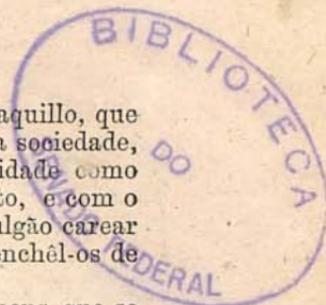
Como brasileiros, desejamos ver o nosso Paiz cheio de engrandecimento, de gloria, e de importancia.

Não é possivel que um Paiz proclamado catholico, civilisado, e independente ainda consinta a compra e venda de carne humana.

O Imperador do Brazil, já por algumas vezes, tem pedido ao Parlamento brasileiro que apresente um projecto para a emancipação.

Com effeito tem-se apresentado varios projectos, favoraveis aos escravos; mas absorvem-se nas chammas das discussões vehementes e poderosas, que se levantão d'entre os nobres legisladores brasileiros.

Espiritos eminentes, estadistas de nota, oradores de credito não se peão de gritar em sua tribuna, *que a*



abolição dos escravos ainda faz-se um objecto de profundo estudo. (!!!)

Dizem mais, que em poucos annos estará extincta a escravidão, uma vez que successivamente vão-se creando sociedades manumissuras, etc.....

E' isto que sempre dizem os representantes do povo ao povo.

No entanto a resolução do problema, ha mais do trinta annos, tem sido objecto de discussão e argumento !

XII

Esta imagem se nos afigura tanto mais acertadamente applicada, quanto é sabido que depois das grandes trovoadas vem a pureza do ar, a bonança, e a caridade.

(Dr. Macedo. Vict. alg.)

São innegavelmente tristes as circumstancias do paiz.

Aqui, grita a mocidade no leito do abandonno, despida das garantias, que necessariamente lhe devem ser outhorgadas, mas que pouco á pouco lhe vão fugindo, porque lhe são arrancadas sem dó ! E assim, empegada n'esse ludibrio impuro e malevolo, que lhe é votado, nem se quer ousa humildemente pedir a luz para distinguil-a, ou separal-a do abysmo em que jaz.

Alli, grita amargosamente uma porção importante do povo, pedindo e rogando já por Deus, para lhe salvar das cadeias infernaes do captiveiro !

Aqui, vê-se ainda no meio dos festins da victoria,

o pranto da fatal recordação e amarga saudade por aquelles que, ultrajados, e em estado de mendiguez e de exterminio, forão deixar seus cadaveres nos pantanos do Paraguay.

Alli, vê-se o estridor das façanhas políticas, ameaçando o povo, prognosticando novas aversões internas, aluindo cada vez mais o grande templo do—Amor da Patria—, já perseguindo, já pugnando por meros e mesquinhos interesses, já finalmente procurando levar o Paiz á execráveis condições.

No entretanto o que vemos ?

A educação civil, sem respeito, em abandonno, muito pouco ou epilogamente derramada pelos povos.— A escravidão funcionando no seculo XIX, seculo das luzes, em face do mundo inteiro, e perante os Altares da Religião, e do progresso.—A consequencia triste de uma guerra sempre desastrosa, desde o seu começo, onde se praticou não só actos de abjectos interesses, como tambem se gastou uma scmma fabulosissima de dinheiro, que metade daria *plena liberdade* á milhares de brasileiros, que soffrem o flagello da escravidão, uma vez que já é preciso comprar-se uma liberdade por dinheiro !.....

Uma politica inimaginavel, d'onde se concebem violentos e mesquinhos pleitos.

A educação, dizia um sabio escriptor, uma boa educação é meio caminho andado, marchando para a *terra da promissão* dos Utopistas, aos quaes só falta Moysés, que, tendo a—liberdade— por nuvem luminosa, possa um dia fazer com que os corações de *pedra* jorrem ondas de amor.

Nós observamos com admiração o extraordinario progresso dos Estados-Unidos da America : cada dia mais nos embaraçam seus prosperos acontecimentos.

Direi com um habil escriptor de nossos dias :—A aristocracia da virtude, da intelligencia, e do trabalho, eis o galardão, que distingue e nobilita os cidadãos das terras livres da America.

E ainda :—Nem titulos, que não sejam concedidos pela agua pura na Pia Baptismal do christão : titulos do lar da familia,—nem titulos que não representem corôas civicas sobre a cabeça dos benemeritos da patria, degradam e deshonram o nobre orgulho dos Norte-Americanos.

O dèdo da Providencia Divina, só elle nos dissipará d'este lethargo, e nos guiará à um novo horisonte de ventura e tranquillidade.

XIII

M. Perri dit que les Mocovites se vendent aisement : j'en suis bien la raison ; c'est que leur liberté ne vaut rien.

(Voltaire.)

No centro da Religião, da liberdade, e do progresso, vae o captiveiro consideravelmente se introduzindo, percorrendo assim todos os limites e extremas da sociedade.

Ha mais de trez seculos, em o nosso Paiz, é sustentado esse objecto infeliz e sordido, *per legem!*

Necessariamente ainda não se poudo descobrir (e nem se poderá) em que principio foi fundada esta lei, isto é, em que especie de religião ou de moral.

Na antiguidade, a escravidão era havida como objecto de uma vingança entre as nações, ou entre os homens. Os captivos então erão aquelles homens, que cahião no poder dos inimigos, e que, segundo seus extranhos costumes, ficavam privados de sua liberdade ; e diz Roquette, que captivos, chamamos particularmente aquelles christãos, que cahem em poder dos corsarios berberescos.

Depois que o progresso foi-se desenvolvendo, os

costumes então barbaros foram-se reformando, a guerra tornou-se mais humana, e já não eram chamados captivos e sim prisioneiros, todos aquelles que de parte á parte eram presos ou apanhados pelos combatentes.

A situação dos captivos então era tristemente amarga, do que a dos prisioneiros actuaes.

Todavia nm escravo quizera ter a sorte de um captivo d'esses tempos remotos.

— Um captivo podia ser resgatado, um prisioneiro não podia desenganar-se da restituição do gozo de sua liberdade, ou pouco depois do seu martyrio, ou no fim da guerra; mas um escravo?..... Ah! a sua desgraçada sorte é de nenhum modo comparavel á de todos que soffrem os mais horriveis tropeços e flagellos deste mundo de risos e prantos.....

— Um escravo é vendido por dinheiro nas praças publicas, nos armazens, e nas quitandas..... como alimarias ou miseraveis mercadorias!!

— Um escravo morre escravo sempre, se o seu senhor não lhe quizer dar a carta de alforria!

Puffendorf confessou em seus escriptos, que a escravidão foi estabelecida por um livre consentimento dos partidos; ao passo que Grotius manda que o homem faça-se captivo unicamente á guerra e ao direito; e jamais a natureza decidirá contra elle.

XIV

O homem que recebe serviços de outro homem, e depois o detrahe, ou deprime, mostra haver sordida ambição, pois julga, que todas as relações havidas com os entes da sua especie, devem reverter em seu unico beneficio.

(Plutarco.)

No tempo em que Roma figurou o emporio da ty-

114

rannia, debalde Catão e Pompeo lutaram á favor da liberdade.

Cesar não fez mais do que plantar nos campos da victoria a arvore do despotismo.

— A tyrannia dos grandes nasce da ignorancia dos pequenos.

Nada mais certo.

E é por este principio inevitavel, que os governadores do nosso Paiz conservarão ou tem conservado o povo sempre experimentando e provando o fel da ignorancia, sem que um dia, prevendo conscienciosamente as mais funestas consequencias lhe salve d'esse enormissimo precipicio.

Estas nobrezas vãs, este orgulho apparente, estas fidalguias momentaneas, estas distincções vagas e inuteis, prejudicão fortemente a humanidade, fazem declinar consideravelmente os principios vitaes da civilisação, e prognosticão fatalmente o bem-estar futuro da Nação.

Não é senão a educação que constitue cidadãos.

Se os grandes homens, os mestres da Nação, esquecendo os seus nobres castellos, e dourados palacios, e abraçassem por alguns instantes o verdadeiro amor de patriotismo, conformaria com a mais subida e noble idéa do eximio Bossuet :

« — Ainda que os homens, inchados pela vaidade, queiram separar-se dos outros, não deixa de ser verdade fazel-os a natureza iguaes, formando-os do mesmo bairro : qualquer desigualdade havida entre as condições, não lhes muda a essencia. Alguns combatem esta verdade, dando a preeminencia aos altos funcionarios, e ás riquezas ; e o certo é, que essas cousas adquiriram tão grande estimação entre os homens, que lhes fazem esquecer a igualdade natural. Olhão para os seus concidadãos, como se fossem creaturas de outra especie ; mas a natureza, para conservar os seus direitos, e domar-lhes a loucura, imprimio-lhes signaes,

pelos quaes fossem obrigados á reconhecer a sua desigualdade : o nascimento e a morte.—»

O grande escriptor Blaskstone disse nas seguintes parabolâs : « — Assim como nas creaturas humanas é sacrilegio destruir as leis do Creador, assim é orgulhosa sedição destruir o que o rei faz no alto do seu throno. Do mesmo modo, que o bom christão obedece á vontade de Deus, revelada em suas palavras, deve o subdito obedecer á vontade do rei revelada em seus decretos.—»

Quando um paiz é constitucionalmente regido, debaixo de leis, que principalmente garantam a liberdade dos povos, como symbolo de sua felicidade, então esse povo deve amoldar-se ás eloquentes expressões do illustrado escriptor.

Mas longe estará de acontecer assim em um paiz, onde os cortezões, esses mesmos enriquecidos pela mendicidade, segundo Chamfort, tornam-se intoleráveis e arbitrarios chefes do povo, calcando-o com uma auctoridade absoluta e incoherente a uma constituição integra, que fora livremente prolamada por aquelle mesmo povo.

Em um paiz, onde as condescendencias politica são consideradas virtude, diante dos preceitos da lei ; ou, por outra, para os orgãos que a representam, quando a lei, como disse M. Farnsey, é uma constituição geral, que vem de uma auctoridade soberana, e que determina as cousas, conforme a razão, com ordem expressa de obedecer ao que ella decide : é que a submissão á lei, longe de ser escravidão, é pelo contrario uma verdadeira liberdade ;

Em um paiz, onde muitas auctoridades policiaes, civis, etc., são confiadas por muitas vezes á homens analphabetos, corruptos, arbitrarios, e até criminosos, por simples factode abraçarem ou *advogarem os interesses* d'esta ou aquella idéa política, que então domina ;

Em um paiz, onde a segurança individual, a dignidade pessoal ou moral de qualquer cidadão, é desbara-

tada gratuitamente, quasi sempre sem responsabilidade alguma, por individuos ignorantes e estonteados, aos quaes foram confiados certos e melindrosos poderes ;

Em um paiz, onde meia duzia de homens, de fidalgos, só elles teem o direito de representar a humanidade, e algumas vezes por formas arbitrarías, despoticas, e trahidoras, compromettendo d'est'arte á milhares de cidadãos ;

Em um paiz, finalmente, onde, pela força de magestade e de caprichos irresponsaveis, conserva ainda no recinto de sua sociedade a amargosa distincção de—escravos e de cidadãos—, esse paiz sempre libará amargos travos de uma desgraça approximada.

E chama á isto progresso!..?..

XV

Ha na historia dos seculos um anno hediondo, 1768.—Neste anno o maxime do crime foi perpetrado ; a Europa roubou á Africa cento e quatro mil negros, que vendeu á America cento e quatro mil ! Nunca se vio tão horrorosa cifra de venda carne humana.

(Victor Hugo.)

Quando nas Indias Occidentaes permanecia a barbara escravidão, varios exemplos se deram, dignos de memoria e de respeito.

O trabalho servil, segundo a opinião de Cairus, é reluctamente imperito, e notavelmente defeituoso quanto á versatilidade.

A abolição da escravatura nas Indias Occidentaes foi uma grande vantagem, uma salvação prodigiosa.

A seguinte e fiel transcripção auctorisa-nos para assim dizer.

« Em 1855—6—7—as quinze colonias inglezas nas Indias Occidentaes, productores de assucar, exportaram para a Grã-Bretanha 7,427,618—cent. de assucar, contra 7,405,849—cent. nos trez ultimos annos da escravidão. Durante a escravidão exportaram..... 2,722,880—gallons de cachaça; emancipadas, 4,674,602 gallons. E' preciso notar que essas exportações foram unicamente para a Grã-Bretanha, sem incluir as exportações para a Australia, Estados-Unidos, e outros paizes. Em quanto havia escravidão, as ilhas só podiam commerciar com a metropole. A tonelagem que entrou das oito ilhas foi augmentada em 1857 por..... 62,042 toneladas; das outras sete ilhas não temos os relatorios.

« O governador de Tobago em 1858 diz:—« Nego que os camponezes (isto é, os libertos) se entreguem a preguiça. Ao contrario, affirmo que não ha classe mais industriosa no mundo, ao menos quando trabalha para si. »

« Sr. Charles Grey escreve em 1852:—« Ha poucas raças que trabalham mais e com mais perseverança, quando tem certeza que todo o producto do seu trabalho é para elles mesmos. »

« Mr. Sewell, auctor do *Ordeal of Free Labour*,—ao visitar as ilhas tinha as suas convicções americanas, que o negro só trabalhava em quanto captivo. As suas pesquisas logo o convenceram do contrario. Declarada a emancipação as classes laboriosas em vez de se entregarem á indolencia, estabeleceram-se como pequenos proprietarios.

« Durante os ultimos quinze annos, á despeito do preço extraordinario de terras e salarios baixos, os pequenos proprietarios de cinco geiras abaixo de Barbadoes subiram de 1,100 á 3,537. Grande maioria d'es-

tes proprietarios foram escravos, depois trabalhadores bons, e finalmente são proprietarios,

« O governador de Antigua em 1858: — O commercio desenvolve-se satisfactoriamente, graças á propriedade agricola.

« Dominica, 1858: — Augmentam-se consideravelmente as exportações de assucar, caxaca, café, cocoa, laranjas, couros, madeira e algodão. Os emancipados estão prosperando em conforto e independencia; vê-se leguas quadradas de terra ornadas de canna de engenhos de madeira, agora muitos arrendaram engenhos maiores com todos os melhoramentos modernos.

« Em Nevis, o presidente Rumbold elogia o industrioso espirito do progresso dos libertos na agricultura.

« Em S. Kitts, diz o *Livro Azul* do anno passado, é provavel que a colheita do anno passado fosse a maior que a ilha jamais obteve. A d'este anno, por causa da secca, sem exemplo, menos em um caso, não passará de 6,000 hogsheads.

« Quando houve secca semelhante, no tempo da escravidão, um só navio pequeno livrou toda a colheita da parte mais fertil da ilha.

« Tortala, no tempo da escravidão, exportava..... 15,559 cent. de assucar. Agora não exporta mais; mas a mudança é mui vantajosa porque os emancipados, aproveitando-se da notavel aptidão da ilha, entregaram-se á criação de gado, aves, etc., com muito lucro.

« Em Tobago os trabalhadores são descriptos como bem comportados e industriosos.

« Em 1850, Jamaica possuia para cima de..... 100,000 proprietarios negros: sete decimos d'este numero nasceram no captivo e viveram n'elle muitos annos. Quasi todos os pequenos proprietarios tem um jumento, que lhes custa sete á dez lb^s. sterlingas e de madrugada entram em Kingstown com os productos das suas terras, formando procissões de quatro á cinco milhas de extensão, e perfeitamente livres de cuidados.

Os ex-donos os chamam de preguiçosos por terem este espirito de independencia.

« Vejamos agora a decantada propriedade das Indias Occidentaes no tempo da escravidão.

— « Lord Chandos, em 1830, apresentou ao parlamento inglez uma petição dos negociantes e fazendeiros das Indias Occidentaes, expondo a extrema miseria em que laboravam, e declarou no seu discurso, que lhes era impossivel resistir por mais tempo á tanta oppressão. Estão reduzidos ao estado de implorar ardentemente soccorro do parlamento.

— « Mr. Brighth disse : — « A miseria das Indias Occidentaes é sem exemplo em qualquer outro paiz. Muitas familias que viviam folgadamente são reduzidas á penuria absoluta. »

— « *O West India Reporter*—tambem cita um relatório sobre o estado commercial das Indias Occidentaes, que diz :— « Ha as mais fortes testemunhas e provas concurrentes que, se não se acudir prompta e energicamente com soccorro ás colonias, seguir-se-ha em breve a ruina de grande numero de fazendeiros.—»

« As safras, no entretanto, diminuíram. Nos cinco annos, terminando em 1820, a exportação de assucar de Jamaica foi de 585,172 hogsheados, mas descêra á 493,784 nos cinco annos, terminando em 1830—uma deminuição de não menos de 91,388 hogsheados. E nos dez annos, terminando em 1830, a diminuição foi 201,843 hogsheads da somma dos dez annos terminando em 1820.

— « *O Belgelows Jamaica, Appendix* :—« Um outro facto claramente prova que esta miseria havia de progredir mais, se a escravidão continuasse. Na colonia hollandeza de Surinam, houve a mesma ruina que assolou as nossas ilhas. Aqui temos uma grande colonia, conservando a escravidão em toda a sua força e belleza (isto foi escripto em 1859, não se abolio a escravidão nas colonias hollandezas senão em 1864.) E qual é o resultado ? O resultado é a ruina quasi total. De 917

engenhos, 636 tem sido completamente abandonados. Dos restantes, 65 nada produzem senão lenha e mantimentos. E os poucos que restam caminham para a destruição.

— « The Edinburgh Review, — de Abril de 1859, p. 428 diz:— « Os olhos do parlamento não se abrirão á perversidade e loucura da escravidão por contos de crueldades atrozes. Quem consultar as paginas parlamentares de Hansard encontrará que, o que deo o golpe mortal á escravidão nos espiritos dos estadistas inglezes, foi a estatística da população que revelou o facto aterrador, que, posto que somente onze das dezoito ilhas tinham enviado as tabellas estatisticas nestas onze ilhas os escravos tinham diminuido, em menos de onze annos, por não menos de 60,219, á saber :..... 558,194—á 497,975.—»

« Não se inclue neste numero a denominação motivada por alforrias. Se tivessem mandado as tabellas, as outras sete colonias (inclusive Maurítias, Antigua, Barbados, e Gronada) a baixa seria pelo menos de 100,000.

« Ora, é claro que isto não poderia continuar assim. O mais secco economista admittiria que era improductivo deixar as classes laboriosas serem trucidadas.

« E' a escravidão a causa da matança geral das classes laboriosas em nossas ilhas de assucar, ou não é, foi a questão digna de se averiguar sob o ponto de vista de libras, schellings e dinheiros, bem como pelo lado moral.

« O debate provou plenamente o horrendo facto. Os escravos, como Mr, Marryatt disse, (elle fora por muito tempo o chefe dos defensores da escravidão) morriam como carneiros podres. »

— E outros muitos exemplos.

Agora, porém; voltando ao nosso Paiz, o que vemos ?

Nada!.....

Os homens, isto é, os brasileiros são profundamente distinctos: uns são cidadãos, outros são escravos!

Qualquer jornal do Imperio vem cheios de annuncios de escravos fugidos, promettendo-se gratificações á quem os trouxer amarrados!.....

Vemos annuncios de escravos á venda por dinheiro, como se fossem cavallos, bixos podres, e ordinarias mercadorias.

E ainda os brasileiros consentem esta miseravel, e terrivel especulação! ?...

Porém infelizmente aquelles, á quem o povo faz collocar nas cadeiras do Parlamento, são elles mesmos que dizem sem pêjo, sem rebuço, e sem receio, *que a emancipação é objecto de profundo estudo!*

XVI

La liberté, fille de mœurs commenee
avant le despotisme, aux jours d'obscurité
e de pauvreté; elle vient se perdre
dans le despotisme, e dans les siecles
d'eclat e de luxe.

(Chateaubriand.)

E' bem sabido, que, desde ha muito tempo, já de-vera ter principiado a emancipação lenta dos escravos: porque se hoje já se não tivesse acabado com esta praga, ao menos já se iria minorando consideravelmente.

Estamos no verdadeiro tempo do progresso e das luzes, e ainda não se deu principio a abolição respectiva; não obstante ser uma cousa, com que a imprensa

do Paiz se tem occupado á favor d'essa porção infeliz da humanidade.

A questão da abolição dos escravos, como já dissemos, não é de agora, e sim de ha muito tempo; e por isso não vem á ser mais questão de argumento. A imprensa, e os espiritos mais nobres e elevados do Paiz já tem decidido. A questão é de tempo.

O acabamento ou a abolição lenta dos escravos é o objecto hoje de primeira necessidade, e que deve realisar-se infallivelmente nestes poucos annos.

Primeiramente o governo deve abraçar uma medida rasoavel, affastando assim algumas difficuldades. N'este caso seja a emancipação do ventre escravo a primeira medida, que o governo deve tomar.

D'ahi será provavel que ainda surjam mais sociedades manumissuras (como tem acontecido em diversas partes do Imperio) logo que o governo realise uma idéa ardentemente desejada e abraçada por todos os espiritos humanos.

E qual será o brasileiro que se opponha ao engrandecimento de sua chara patria?

A escravidão, este cancro, que não tem servido mais do que dilacerar o principal de nossa sociedade, irá crescendo, semelhante ao incendio, que, ateando-se pouco á pouco, devóra em breve os mais soberbos edificios.

E se não atalharmos em tempo, e com cautella, certo é que um dia o grande golpe do desespero infernal virá cortar o elo de suas algemas.

Em 1787, nos Estaos-Unidos existiam 687,997 escravos; no entanto em 1860, epocha em que principiou a abolição, a estatistica da população escrava chegou ao numero de 3,953,750 escravos.

E demais desde 1608 que o trafico sempre foi limitadissimo, e além da importação de escravos para o Texas, que foi insignificante em 1843, não entrou um só.

Verdade é, que cada vez mais que se for demoran-

do com isto, o Paiz gosará sempre de pessimo conceito.

Difficil é saber directamente, d'onde vos vem esta demora, ou d'onde surge a causa de tão maldicto, quão prejudicial silencio.

O povo tem esperado bastante.

Mas Deus mesmo permittirá que um dia, a auro-ra desdobrando seu luminoso e dourado manto, no horisonte da America, venha allumiar este solo, abençoado pela natureza, já livre da—escravidão domestica.—

XVII

Qu' est il plus farouche que de voir une nation ou, par legitime costume, la charge de juger se vende, et les jugements soyent payez á purs deniers comptants, e oú legetiment la justice soit refusée à qui n'a de quoy la payer.

(*Montaigne.*)

A agricultura um dos principaes e mais importantes ramos de abundancia e riqueza natural do Brazil, jaz em abandonno, para bem dizer. No entretanto é ella a fonte primordial, como diz um publicista, da riqueza dos estados, e a que nos fornece o sustento quotidiano.

O conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, este distincto brasileiro, cuja memoria honra as paginas de nossa Historia, tratando sobre a escravatura, na Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Brazil, de que era deputado pela provincia de S. Paulo em

1825, pronunciou um eloquente discurso, no qual provou a inconveniencia enorme para a agricultura, manejada por braços escravos.

— « A lavoura do Brazil (diz elle) feita por escravos boçaes e preguiçosos, não dá lucros, com que homens ignorantes e phantasticos se illudem. Se calcularmos o custo actual da aquisição do terreno, os capitaes empregados nos escravos, que devem cultivar, o valor dos instrumentos ruraes, com que deve trabalhar cada um d'estes escravos, sustento, vestuario, molestias reaes e affectadas, curativo, as mortes numerosas, filhas do máo tratamento e da desesperação, e repetidas fugidas das mattas e quilombos, claro está que o lucro da lavoura deve ser muito pequeno no Brazil, ainda apesar da prodigiosa fertilidade de suas terras, como mostra a experiencia. No Brazil a renda dos predios rusticos não dependem da extensão e valor do terreno, nem dos braços que o cultivam, mas sim da méra industria e intelligencia do lavrador.

« Um senhor de terras, é de facto pobrissimo, e pela sua ignorancia, ou desmazelo não sabe tirar proveito da fertilidade de sua terra, dos braços que n'ella emprega.

« Eu desejava, para bem seu, que os possuidores de grande escravatura conhecessem que a prohibição do trafico de carne humana os fará mais ricos; porque seus escravos actuaes virão então á ter maior valor, e serão por interesse seu mais bem tratados.

« Os senhores promoverão então os casamentos, e estes a população. Os forros augmentados, para ganharem a vida, aforarão pequenas porções descobertas ou tapéras que hoje nada valem. Os bens ruraes, estereis serão sempre, e a venda não se confundirá com o trabalho da industria individual.

« Não são só estes males particulares que traz consigo a grande escravatura do Brazil; o estado ainda é mais prejudicado. Se os senhores de terra não tivessem uma multidão demasiada, elles mesmos aproveita-

riam terras já abertas e livres de mattas, que hoje jazem abandonadas como maninhos.

« Nossas mattas, preciosas em madeira de construção civil e nautica, não seriam destruidas pelo machado, assassinio do negro, e pelas chammas devastadoras da ignorância.

« Os cumes de nossas serras, fonte perenne de humilde e fertilidade para as terras baixas, e de circulação electrica, não estariam escavadas e tostadas pelos ardentes estios do nosso clima.

« E' pois evidente que se a agricultura se fizer com os braços livres dos pequenos proprietarios, ou por jornaleiros, por necessidade, e interesse serão aproveitadas essas terras, mormente nas visinhanças das grandes povoações, onde se acha sempre mercado certo, prompto e proveitoso, deste modo se conservarão como herança sagrada para a nossa posteridade, as antigas mattas virgens, que pela sua vastidão e frondosidade caracterisam o nosso bello Paiz. »

XVIII

Um dos objectos mais principaes e urgentes ao corpo legislativo é a apresentação de um decreto para a emancipação do ventre escravo, tendo logo a necessaria execução. Só então poderíamos dizer a Europa e a America. Estamos em mão de acabar—os que nascem são livres, e os escravos vão morrendo, visto que não ha mais importação.

(A. Lima.)

Já foi dado o primeiro passo para a abolição dos escravos:—a cessação do trafico africano.

Restá-nos agora tomar outras novas e urgentes medidas :—a emancipação do ventre escravo.

Incontestavelmente o povo se tem prestado em auxiliar o governo com respeito e obdiencia em todas as situações, mesmo perigosas, que o Paiz tem encarado.

Uma responsabilidade tremenda pesa sobre *alguem*, que dirige os destinos do Paiz.

Nem sempre o povo libará *nolens volens* as amargas taças da vergonhosa ignorancia.

Um dia o sagrado pendão da liberdade fincar-se-ha feliz e eternamente no abençoado solo do Imperio da Santa Cruz.



ECHOS DA HUMANIDADE

SCENAS DE NOSSOS TEMPOS

(FRAGMENTOS)

O pobre negro que trajava andrajos,
Que morria de fome, e de penuria,
Que os membros nús mostrava atrassalhados
Pelo açoutar de seu feitor em furia ;

O pobre negro que perdido errava
Por solidões, por mattas, e por ermos,
Sem choça nonde descansasse ao menos
Do seu peregrinar triste e sem termos :

O pobre negro de crestados labios,
Que lhe ardiam de dôr, de sede e fome,
De faces encovadas, como enfermo
Que desfallece a febre que o consome :

O pobre negro, soluçando afficto
De agonias, insomnias, e torturas,
Erguendo a voz já fraca assim cantava
Toda a historia de suas desventuras :

« Eu sou escravo do engenho,
Que deixaste muito além,
Lá tenho esposa e meu filho
A quem quero tanto bem ;
Mas ai ! é sina do escravo
Nascer, viver e morrer
Sem gozar um linictivo
A seu pungente soffrer !

« No lar vivia opprimido
Sob a lei da escravidão !
Esposa e filho que amava,
Antepunha a servidão ;
Porque os affectos do escravo
Não tem preço, oh ! sim não tem,
Quando de azorrague erguido,
O feitor lhe grita : vem !

« Era perdida uma lagrima
Que dos olhos me-pendia
Quando beijava meu filho
N'um delirio de alegria ;
Porque se o feitor o visse
—Oh ! elle odiava o amor !—
Me fustigaria as faces,
Cheio de raiva e furor !

« Eram perdidos por isso
Meus affectos conjugaes,
Meus prazeres de familia,
Meus carinhos paternaes !
De madrugada me-erguia,
De enchada ao hombro apressado,
E, precedido da esposa,
Lá ia cumprir meu fado.

« Um dia o feitor raivoso,
Monstro sedento de sangue,
Surrou tanta minha esposa
Que lançou-a em terra, exangue !...
Contemplei-a.... e contemplei-a....
Oh ! que momento afflictivo !
Lembrei-me de meu filhinho,
Já orphão, além de captivo.

« Erguendo a enchada com força
Sobre o meu tão fero algoz
Ia já descarregar-lh'a,
Ia dar-lhe morte atroz ;
Mas vacillei, que os meus passos
Um abraço audaz me-impedia !...
Ah ! era a esposa querida....
A misera ainda vivia !

Fugi, que o monstro de odio
Quiz prender-me p'ra matar-me !
Fugi sem mulher, sem filho,
P'ra tanta dôr consolar-me !
E só lagrimas acerbas
Meus sofrimentos exprimiam !
Oh ! se vissem tanta angustia
Tê as fêras chorariam !

« Aqui busco pelas grutas
Um escondrijo, um abrigo,
Onde evite a crueldade
De um sanhudo inimigo.
Aqui vélo noute e dia
Martyr de minha desdita,
Que roubou-me o doce gozo
Da liberdade bemdita

« Meu albergue é o leito, o antro
Da fera das virgens mattas :
Lá adormeço ao murmurio
Das lamantosas cascatas.
Meu alimento sãoervas
De ingrato, amargo sabor,
E por lençol deu-me o Eterno
O frio, a chuva, e o calor.

« Serve-me ás vezes de orchestra
O rugir dos furacões,
Que abalam a immensa floresta
Ao ribombar dos trovões !
Dizei a mulher simi-morta,
Filho orphão d'affagos meus :
Aqui choro, aqui definho,
Que o aprouve assim á Deus !

« Mas ao menos me-consola
Viver sem grilhões e pobre !
Cacique d'estes desertos,
Sem brazões, sou grande e nobre !
Aqui acordo com o dia,
Fito os céos e a immensidade,
Nada temo, que já gozo
Minha santa liberdade ! »

.....
Despedacem-se as peias do ostracismo,
Rasguem-se as leis de ferrea escravidão !
Brazil ! desperta do torper do opprobio,
Levanta aos céos a cruz da redempção !

O trabalho é mais grato, á mais suave
Sem prantos, sem açoutes, sem grilhões !
Brasileiros ! um brado de exterminio
Contra as leis que escravisa as multidões !

Livres somos ! que abjeção perea,
Que surja da isempção o sol gentil,
Que o ferrete infamante do captivo
Corar não faça aos filhos do Brazil
!

Patria querida, meu Brazil esplendido !
Completa as ambições da humanidade !
Christo quando morreu sobre o Calvario,
Legou-nos com seu sangue a liberdade.

Nazareth (Pernambuco) Agosto de 1869.

BELLARMINO CARNEIRO.

O ESCRAVO

Como te-chamas ?

— Miseria.

— D'onde vens ?

— Da tyrannia.

— E's negro ?

— Nasci da noite.

— O que procuras ?

— O dia.

— Não vés o sol ?

— Estou cego !

— Perdeste a luz ?

— Lá, no pego

Da mais cruenta maldade.

— Que almejas ?

— O céu.

— Na terra ?

— Si meu coração não erra,

Chamo céu á liberdade.

- Choraste muito ?
— E ha quem ria ?
— Deixas que o pranto te-alague...
— Não é pranto, não—é sangue.
— Quem te ferio ?
— O azorrague.
— Quaes foram, negro, os teus erros ?
— Um cedi : o collo aos ferros !
— Grita !
— A minha dôr não falla.
— O que te-alenta ?
— A esperança.
— Não tens um guia ?
— A vingança.
— Tua familia ?
— A senzala !
— Não tens amores ?
— Tenho odio.
— Não sonhas ?
— Penso n'um crime.
— Ha muito que tú padeces ?
— Desde que a força me-opprime ;
Ah ! desde Nemrod !
— E's forte !
— E' que não tem força a morte
P'ra quem arrasta uma algema.
— Resigna-te.
— A dôr não venço.
— Mata-te !
— Não me pertenço.
— O que fazer-se ?
— E' o problema.
— Supplica !
— Ninguem me-attende.
— Exige !
— Tudo resiste.

- A luz da razão ? — E' morta !
— De Christo a lei ? — Não existe.
— Faze-te em pó ? — Sou de pedra.
— O que é que em teu peito medra ?
— Hera maldicta—o direito.
— Nada te-resta mais ? — Tudo !
— Teu destino... — E' o meu escudo.
— Crês em Deus ? — Tenho-o no peito.
— Estás n'um tronco. — E' o meu throno.
— Que vês n'esse antro' ? — Uma aurora.
— Não succumbes ? — Inda é cedo.
— Que esperas ? — A grande hora.
— Será delirio ? — Eu a-fito.
— D'onde ella vem ? — Do infinito.
— E' claro o céu ? — Está puro.
— Dorme e sonha... — Eu... me-levanto !
— Chegou a agonia ? — O... espanto !
— Vem teu senhor ? ! — E' o futuro !...

MJ/45

19

0264-C23

Ⓟ

